

Ucrânia e o grande tabuleiro de xadrez

20.04.2014 02:12



O Departamento de Estado dos EUA, pela porta-voz Jennifer Psaki, disse que notícias de que o diretor da CIA John Brennan teria dito aos mudadores-de-regimes em Kiev que "conduzissem operações táticas" - ou alguma "ofensiva antiterrorista" - no leste da Ucrânia são "completamente falsas". Significa que as notícias são verdadeiras. Brennan já transmitiu a ordem de marcha. No momento em que escrevo, a campanha "antiterroristas" - com seu simpático toquinho de retórica à Dáblui - já degenerou em farsa.

Agora, combinem essa notícia com o secretário-geral da OTAN, o cão-de-caça *Retriever* holandês Anders Fogh Rasmussen, a latir sobre o reforço militar ao longo da fronteira leste da OTAN: "Teremos mais aviões no ar, mais navios na água e mais prontidão em terra."

Aí está. Bem-vindos à doutrina da guerra pós-moderna dos Dois Patetas.

Paguem ou morram congelados

Para todos os propósitos práticos, a Ucrânia está falida. A consistente posição do Kremlin ao longo dos três últimos meses foi encorajar a União Europeia a encontrar solução para a terrível situação econômica da Ucrânia. Bruxelas fez coisa nenhuma; apostou tudo na 'mudança de regime' que beneficiaria o fantoche-campeão-de-boxe & preferido da Alemanha Vladimir Klitschko, também conhecido como "Klitsch, o boxer".

A mudança-de-regime aconteceu, mas do tipo orquestrado pelo Khaganato dos Nulands - uma célula neoconservadora dentro do Departamento de Estado e sua secretária-assistente de Estado para Assuntos Europeus e Asiáticos Victoria Nulands. E agora a opção presidencial é entre - e como não seria? - dois fantoches dos EUA, o fantoche-bilionário-do-chocolate Petro Poroshenko e a 'ex-primeira-ministra da Ucrânia, ex-condenada e possível presidente, 'Santa Yulia' Timoshenko. E a União Europeia ficou com a conta a pagar (impagável). É onde entra o Fundo Monetário Internacional, FMI - com um iminente, repugnante "ajuste estrutural" que mandará os ucranianos direto ao inferno, para buraco ainda mais infernal do que o que já conhecem e com o qual estão habituados.

Mais uma vez, contra toda a histeria propagada pelo 'Ministério da Verdade' dos EUA e seus franqueados na imprensa-empresa ocidental, o Kremlin não precisa "invadir" Ucrânia alguma. Se a Gazprom não receber o que lhe é devido, os russos só terão de fechar a torneira do braço ucraniano do Gasoduto. Kiev será forçada a usar pelo menos uma parte do gás destinado a alguns países da União Europeia, ou os próprios ucranianos ficarão sem combustível para manterem-se vivos - as pessoas e as indústrias. E a União Europeia - cuja "política de energia" é, sobretudo, uma piada - lá estará, enredada em mais uma dificuldade autoinfligida.

A União Europeia continuará a caminhar a passos largos para situação perene de perde-perde, se Bruxelas não falar com Moscou, com seriedade. Só há uma explicação para por que já não está falando: pressão linha-dura-duríssima por Washington, montada mediante a OTAN.

Mais uma vez, como contragolpe, contra a atual histeria - a União Europeia ainda é cliente *top* da Gazprom, com 61% do total do gás exportado. É uma relação complexa, baseada na interdependência. A capitalização do Ramo Norte, do Ramo Azul e do ainda a ser completado Ramo Sul inclui companhias alemãs, holandesas, francesas e italianas.

Assim sendo, sim, a Gazprom precisa do mercado da União Europeia. Mas só até certo ponto, se se considera o meganegócio de entrega de gás siberiano à China, que será assinado muito provavelmente em maio, em Pequim,[1] quando o presidente da Rússia visitará o presidente Xi Jinping.

Jogando areia na engrenagem[2]

Mês passado, enquanto o torturante sub-*show* estava em andamento na Ucrânia, o presidente Xi andava pela Europa fechando negócios e promovendo outro braço da Nova Rota da Seda, direto até a Alemanha.

Em ambiente não Hobbesiano e não doente, uma Ucrânia neutra só teria a ganhar se se posicionasse como um entroncamento privilegiado entre a União Europeia e a proposta União Eurasiana - além de se converter em nó crucial de distribuição na ofensiva chinesa da Nova Rota da Seda. Em vez disso, os mudadores-de-regime do governo de Kiev estão apostando tudo na 'associação' à União Europeia (que jamais acontecerá) e deixando-se converter em base avançada para a OTAN (que é o objetivo do Pentágono).

Se se pensa num mercado comum de Lisboa a Vladivostok - ao qual visam ambas, Moscou e Pequim -, ele seria também magnífica solução para a União Europeia.

Nesse contexto de possibilidades, o desastre na Ucrânia é realmente um pau, uma trava metida na roda, um saco de areia jogado na

engrenagem, uma cratera rasgada no meio da estrada. E areia na engrenagem, trava na roda, cratera cavada no meio da estrada que, crucialmente, só geram vantagem para um único ator: o governo dos EUA.

O governo Obama já pode - pode, talvez; ninguém garante - ter percebido que o governo dos EUA perdeu a batalha pelo controle do Oleogasodutostão da Ásia para a Europa, apesar de todos os esforços do regime de Dick Cheney. O que os especialistas em energia chamam de "Grade Asiática de Segurança Energética" está crescendo - como seus milhares de conexões para a Europa.

Assim, só restou ao governo de Obama jogar areia na engrenagem, meter uma trava, um calço, na roda desse processo - o que se vê ser feito agora -, tentando ainda impedir a plena integração econômica da Eurásia.

Pode-se facilmente ver que o governo Obama está cada vez mais obcecadamente preocupado com a crescente dependência da União Europeia, que não vive sem o gás russo. Daí se inventou o plano grandioso de posicionar o gás de xisto norte-americano na União Europeia, como alternativa à Gazprom. Ainda que se assuma que possa acontecer, demorará pelo menos uma década - sem garantia de sucesso. Na verdade, a alternativa real seria o gás iraniano - depois de um acordo nuclear amplo e o fim das sanções ocidentais (esse pacote, o que não surpreende ninguém, está sendo sabotado em massa por diferentes facções ativas dentro do governo dos EUA).

Para começar, os EUA não podem exportar gás de xisto para países com os quais não tenha assinado algum acordo de livre comércio. É "problema" que poderia ser solucionado, em boa parte, pelo acordo chamado "Parceria Trans-Atlântica" [orig. *Trans-Atlantic Partnership (TAP)*] negociado secretamente entre Washington e Bruxelas (sobre isso, ver 16/4/2014, Pepe Escobar, "Pé na estrada pelo sul do OTANstão", *Asia Times Online*, trad. em <http://goo.gl/r2AEjL> [NTs]).

Em paralelo, o governo Obama continua a usar táticas de "dividir para governar", com o objetivo de assustar atores menores, inventando o fantasma de uma China maléfica, militarista, tentando reforçar o "pivô para a Ásia" que só engatinha e não consegue pôr-se em pé. Todo o jogo volta sempre ao que o Dr. Zbig Brzezinski conceitualizou nos idos de 1997, em seu *The Grand Chessboard* - e cantou, até os mínimos detalhes, para seu discípulo Obama: os EUA no comando de toda a Eurásia.

Mas o Kremlin não se deixará arrastar para um sorvedouro militar. É justo dizer que Putin identificou o Grande Quadro no tabuleiro inteiro, o que significa ampliar a parceria estratégica Rússia-China, que é tão crucial quanto a sinergia energia-manufatura com a Europa; e, sobretudo, o medo avassalador que sentem as elites financeiras norte-americanas, do processo inevitável, em andamento, conduzido pelos BRICS (e que já se expande para o Grupo dos 20, G-20, grupo chave) - para deixar para trás o petrodólar.

Em resumo, tudo isso sugere que o petrodólar será progressivamente superado, ao mesmo tempo em que ascende uma cesta de moedas como moeda de reserva no sistema internacional. Os BRICS já trabalham na construção de sua alternativa ao FMI e ao Banco Mundial, investindo num *pool* de moedas de reserva e no Banco BRICS de desenvolvimento.

Enquanto o esforço tentativo de construir uma nova ordem mundial agita-se tentando nascer em todos os pontos do Sul Global, a OTAN-Robocop sonha com mais guerras. *****

[1] Ver https://www.youtube.com/watch?v=v7s4_nqu_oU#aid=P9Im4g1Bzh4

[2] Orig. *Spanner in the Works*. A expressão pode ser traduzida, por aproximação, por "areia (jogada) na engrenagem"/"um pau metido na roda". Resgatamos um pouco desse significado em "o desastre na Ucrânia é realmente um pau, uma trava metida numa engrenagem", mesmo sabendo que nessa tradução perde-se um traço de "ação grotescamente ridícula". A expressão dá nome também a uma equipe de comediantes ingleses que oferecem *kits* de comédias-eventos que se 'misturam' a eventos reais, causando grande confusão (pressupõe-se que a confusão que eles criam divirtam os convidados). O modo como trabalham misturados a garçons de uma festa está bem descrito em <http://www.scottjordan.co.uk/acts/comedy-waiters.html>. Em <http://www.spanner.co.uk/spoof-security/> há boa exposição de como trabalham, por exemplo, misturados aos seguranças que revistam convidados que chegam para um evento). Contatos: <http://www.spanner.co.uk/contact/>. Aqui fica a anotação, para resgatar um pouco do traço de 'palhaçada' [no sentido pejorativo] da mesma expressão [NTs].

17/4/2014, Pepe Escobar, *Asia Times Online*
http://atimes.com/atimes/Central_Asia/CEN-01-170414.html

Timothy Bancroft-Hinchey

Copyright © 1999-2014, «PRAVDA.Ru». No acto de reproduzir nossos materiais na íntegra ou em parte, deve fazer referência à PRAVDA.Ru As opiniões e pontos de vista dos autores nem sempre coincidem com os dos editores.